

Sem parlamentares e sem vice-governador

Não é só a falta de uma representação política que distingue Brasília das demais cidades brasileiras. A condição de Distrito Federal lhe traz outras peculiaridades como, por exemplo, a ausência de vice-governador. Normalmente uma figura apagada, que só merece maiores destaque em cerimônias oficiais ou quando, da substituição do titular do Estado, o vice-governador nem sempre é lembrado. Existe para funcionar, muitas vezes, por menos de uma semana durante um ano inteiro.

Mas Brasília não tem vice-governador. E, justamente por isto, poder-se-ia dizer que a Capital Federal está sem governador desde a noite de quinta-feira, e assim o permaneceu até ontem à noite ou hoje pela manhã. Isso aconteceria, de fato, se o governador Aimé Lamaison estivesse no exterior, e não no Rio de Janeiro, em viagem particular.

Pela legislação vigente, somente quando a

viagem ultrapassa 48 horas longe do território nacional é que o governador do DF precisa passar seu cargo a outra autoridade que o substitua. A escolha, na falta de um vice-governador e de uma representatividade política, torna-se pessoal, podendo recair sobre qualquer um dos seus secretários.

Mas Lamaison ficou no Rio menos de 48 horas úteis, e, portanto, não precisou escolher sucessor. Teoricamente o GDF fica entregue aos dois chefes de Gabinete, Militar e Civil. Mas apenas teoricamente, pois quem, na prática, continua governando, é o próprio governador, mesmo distante. Aos dois chefes não cabe nenhuma decisão. Apenas lhes cabe, contactar o governador, diante de qualquer necessidade.

Embora Brasília não tenha ficado sem governo, pois este funcionou normalmente, a viagem de Lamaison sucita a pergunta: e quando ele precisou viajar para o exterior?